

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Petersbourg.
Assinatura: 12 francos

ANNO. SEMESTRAL. 12 francos

ANNUAL. 14.000 francos

Os restos de Ensaio. 11 francos por número. 12 francos por ano.

2.º Anno. — Volume II. — Número 13.

PARIS 5 DE JULHO DE 1885

Director: MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE S. JOSÉ, 28, R. do Ouvidor.

Assinatura: 12 francos

ANNO. SEMESTRAL. 12 francos

ANNO PROVINCIAL. 14.000 francos

ANNUAL. 14.000 francos

72.000

6.000

500



PARIS PITTORESCO. — DURANTE O VERÃO

ECA DE QUEIROZ

Ainda não recebemos o original prometido pelo nosso ilustre collaborador, formando o seu estudo sobre a influencia de Hugo na geração de Queiroz. Esperamos contudo recebê-lo em breve e publicá-lo no proximo numero da ILLUSTRAÇÃO, se a isso se não oponha: algum caso de força maior.



EM BRUXELLAS

A. E. BEZÃO.

CONHECEM Bruxellas? Os belgas, em momentos de acesso patriótico, quando um parisiense conta as maravilhas da sua terra, para não ficarem atraç, chamam a Bruxellas «um pequeno Paris». Para muita gente, os belgas tem razão. Em Bruxellas há boulevards que são mais largos que o boulevard dos Italianos. Ha casas mais ricas e mais cuidadas que algumas das que se perderam por entre fôsos de verdura e labirintos de ilhas, pelos cantos do parque Monceaux. Ha facetas mais aceitáveis e cocheiros mais polidos, que muitas centenas dos que se cruzam entre a Magdalena e a Bastilha. Bruxellas tem um *Grand-Hôtel*, um *Hôtel Continental*, uma *Maison d'Or*, um *Café Inglês*, um *Hôtel des Ventes*, um *Printemps*, um *Eden*, uma maneteira que é um paraíso, charutos que seriam capazes de converter todos os arcanhos da corte do céu — e para tudo ter, tem um Bosque que faz negocas, de tão-longe! ao bosque de Bolonha. E românticos que querem deixar a perder de vista Zola e Daudet. E jornais que querem meter a um canto o *Figaro*. — E tendo tudo isto, não tem nada que se pareça com Paris! E eu preferia que Bruxellas conservasse e respeitasse a sua tradição de cidade flamenga, como Anvers, como Amsterdam — a vél — uma simples cidade de cartão, quando quer ser apenas parisiense, uma pretensão arrebatada de Paris, como certos burgueses, n'uma sala de dez metros, querendo construir um palco para fazer concorrência à *Comédie* ou à *Grande-Opéra*...

Bruxellas, querendo fazer pirraças a Paris, é horrívora. Equivale a uma janota de Pedrouços, a uma Flôr-de-Pschutt da Granja, querendo rivalizar em elegância, em graça, em espírito, com uma nadadora de Trouville, ou de Dieppe, ou de Ostende. Theodore de Banville disse um dia que havia «mulheres e parisienses». Ora o poeta tem quasi sempre razão...

O comitudo Bruxellas é uma cidade adorável. Um homem de dinheiro e de gosto pode passar uma vida tranquilla, uma vida de saúde e de felicidade — a cinco horas de Paris, para todos os mezes vir assistir a um espetáculo na moda, a uma *premiere* famosa, a uma famosa criação de Sarah ou de Coquelin. O estrangeiro que habita Bruxellas, é vinte vezes mais feliz que o francês que habita Bordéus ou Marselha. Ir de Paris a Bordéus equivale a uma viagem para além da fronteira, molas a despachar, e adeus choramingados a partida do comboio. Ir a Bruxellas equivale a um passeio a Boulogne ou a Marly, a ir jantar a Sèvres ou a Saint-Germain.

Ao homem que pela civilização mais afeiçado se afeiça do gorilha seu avô, que é necessário

que possua para que se não aborreça? Independente do amor, esse homem exige uma boa casa, uma boa mesa, bons licores, bom tabaco, bons cavalos, uma bella paisagem, um clima salutar, um sol alegre, e varias obras primas — e tudo isto, por preços modicos. Bruxellas é a terra que melhor satisfaz todos estes apetites! Peçam a Bruxellas tudo quanto quizerem — e Bruxellas tudo lhes dará... Mas, por Deus! não lhe peçam que seja Paris!

En tão, se lhe pedem isso, tudo se transforma. O *Hôtel Continental* será um horror; o Bosque, uma cousa insuportável, sem o pavilhão chinês, sem a cascata, sem os lagos, sem Longchamps so fondo, as tribunas formando amphitheatro; um jantar na *Maison d'Or* uma insipidez; e o *Eden* um barracão que anda por varrer ha oito dias.

Deveremos unicamente aceitar Bruxellas como ella é, e não como ella quer ser...

Como ella é, é um pedaço delicioso da Europa. Ninguem calculará, ao olhar para uma carta geográfica, como sobre aquele pontinho negro que indica a cidade, uma multidão possa viver uma vida tão feliz.

O que mais surprende nas cidades do Norte, é a elegância das casas e o açoio que todas elas respiram. Apenas esteja publicado o volume — *Na Holland* — do meu querido amigo e mestre Ramalho Ortíz, recomendo-lhes o capítulo onde elle descreve as casas e a limpeza das casas em Amsterdam. Em paginas que são verdadeiras obras primas, é curioso assistir ao esplendor do homem do Sul, ao encontrar diante de si o verdadeiro Aceio! Porque em muitas cidades do Meio-Dia da França, da Espanha de Portugal e em todas da Itália, não direi que o açoio seja positivamente uma palavra vã — mas apesar de todos os esforços empregados, está ainda muito longe de ser o que o verdadeiro Aceio é!

Em Bruxellas são em numero limitado as casas com andares para alugar. Cada individuo que possua um rendimento mediano, aluga uma casa inteira com *rez-de-chaussée*, primeiro e segundo andar. As construções d'uma elegância e d'um bom gosto antigo, são diferentíssimas. Dir-se-há que o Burgo-mestre de Bruxellas condena a pena ultima, mandando enfocar-nas torres do seu palacio, todo o arquiteto que tiver a ousadia de construir duas casas semelhantes na mesma rua.

Se uma casa é aceitável, basta olhar para as janelas. As janelas das casas de Bruxellas, como das casas de Amsterdam, são largas e apenas formadas, ou de dois grandes vidros, ou d'um só, correando para acima quando se abre. Já assistiram ao escrupuloso trabalho do criado d'um photógrapho limpando as placas que há de receber o colodio? E o mesmo para os criados de Bruxellas, todas as manhãs. E quando se passa na rua, à altura do *rez-de-chaussée*, nada de mais agradável do que olhar através d'aquele immenso crystal immaculado, para o interior elegante e confortável onde ha meias cortinas de rendas cruas e de seda cér de palha, cortinados de velludo, e ao centro da janela, em tripés de bambu e laça, ou em colunas de marmore preto, um pote do Japão, um vaso de Sèvres, ou uma jardineira de bronze *cloisonné*, donde sae fresca, esvelta, graciosa, querendo trepar por entre as rendas e a seda, uma bella e preciosas planta exótica...

Nos paizes do Sul o garoto, na escala social, tem por fim, entre outras parisiarias ao cidadão e à vigilância da polícia — riscar as portas mais ricas; o *devant* luxuoso das lojas de modas e de joias; os vidros de todas as monturas; rasgar os cartazes dos teatros; e desenhar e escrever indecências sobre os muros brancos. O fim social do garoto do Norte, francamente, não sei qual é! Mas o que sei é que os seus hábitos são bem diferentes. Na maior parte das casas de Bruxel-

las, as portas da rua são envernizadas de branco, com aldrabas de metal amarelo ou de bronze... Ora uma porta assim, tão branquinha, tão escrupulosa, para um garoto de Lisboa seria uma provocação! E mesmo algum estroïna da Baixa não resistiria ao prazer e à graciosa de fazer da porta carta-postal, e mandar o proprietário da dita a algum sitio irresponsável...

O museu de Bruxellas, n'estes ultimos dois annos, tem feito preciosas aquisições de quadros flamengos. Alguns retratos de Van Dick e de Rubens e de Franz Hals, e alguns quadros de Teniers e de Van Ostade formam o importante da colecção. Abriram-se mesmo, por este motivo, duas novas salas.

A proporção que um grande sentimento e uma mais larga comprehensão da natureza se vai espalhando pelos povos civilizados, em Arte, o quadro da famosa escola holländera vai adquirindo preciosos fôrmos de extraordinaria obra-prima. As grandes telas de sensação, tendo apenas um fim exterior de representação ou de decoração, vão perdendo pouco a pouco de importância, mesmo quando elles são assignadas por nomes illustres. E assim que vemos diminuir de dia para dia toda a fama da obra dos *classicos* e dos *romanticos*, porque na maior parte das suas telas a *importância interior* que falla Schopenhauer e que é tudo em matéria d'arte, é sacrificada à *importância exterior* que só interessa à historia. E o individuo moderno chegou finalmente à comprehensão de que uma simples tela de cena campestre, pode valer muito mais que uma grande tela tratando um assumpto histórico ou religioso.

Os novos quadros de Teniers e de Van Ostade que ha dias vi no museu de Bruxellas, causaram-me a mesma agradável surpresa que os primeiros dos mesmos artistas que viram em Madrid, em Paris e em Amsterdam. De Teniers, são sempre as mesmas scenas rusticás, em pleno campo, n'uma paisagem de verdura dôce e dourada. Uma casa baixa, os telhados cobertos de feno; à porta, uma pipa, sobre a qual um gato pousa, eriçado e bisonho. Em volta d'uma meza, camponezes atarracados, de carões vermelhos, cauecas em punho, bebem cerveja; de encontro a um muro um homem de costas, curvado, a fazer alguma cousa no momento critico e na necessidade urgente do bebedor de cerveja; d'uma janelha aberta, uma cera rosada, risonha, de hollandeza, contempla a cena; e desaparece ao fundo um par, amando-se, beijando-se, sob a protecção alegre do azul... — Se não é scena de campo o que o quadro representa, é scena de interior, uma vida tranquilla e feliz, como tranquilla e feliz é a paisagem do Norte, macia, velludosa, poetica, bandos de vacas pastando serenamente ao longe, e no horizonte a carcassa melancólica d'um moinho, e no ar um traço de fumo, d'alguma casa perdida entre verduras e murmurios de regatos... — Ou então a scena de taverna: em volta da meza sujeitos jogando as cartas; por toda a parte canecas de cerveja; n'algum canto, de encontro à parede, o inevitável sujeito de costas, meio curvado por uma necessidade urgente; e quasi sempre desordens de jogo, um mau jogador, um velhaco, levando ou um pontapé, ou com uma caneca na cabeça. E no meio da escaramuça, um gato que foge espirvorioso, e um cão que ladra as pernas dos desordeiros...

Entre as novas aquisições de quadros de Van Ostade, ha um quadro representando os *Sentidos*, assumpto que este pintor tratou de varios modos, e que muitos pintores holländeses tambem trataram. A tela a que me refiro representa um final de banquete, à hora da sobremesa, à hora em que, na opinião dos Goncourt, melhor se falla da imortalidade da alma! Uns saboreiam os ultimos licores; outros olham-lhes a dor em frente da luz. Ha damas que aspiram o perfume das flores, ha rapazes

que cantam; velhos que escutam; e a um canto do salão, ha um par, que ás furtadarias, se apalpa e se beija. — E toda a scena tratada com uma graça franca e honesta, com um espírito que passa levemente sobre todos os incidentes da vida hollandeza, sem tornar repugnante à vista, mas simplesmente ridículo, o borrhacho; sem tornar pesado nem obsceno o encontro de dois individuos de sexo oposto, ou n'um canto escuro de salão, ou n'um sitio recatado do campo, entre arvores caídas. O mesmo assunto, tratado por um espanhol romântico ou por um italiano sentimental — seria apenas indecente. Por um pintor flamengo, a alegria e a franqueza com que o quadro foi tratado, pôem-no ao abrigo de todos os pudores e de todas as castidades...

« O espectador não pode olhar para estes quadros, sem se sentir comovido, sem se representar o estado do espírito do artista, tranquillo, feliz, cheio de serenidade, como foi preciso para fixar a atenção em objectos insignificantes, indiferentes, e reproduzilos depois com tanta sollicitude; e a impressão é tanto mais forte que se olhamos para nós mesmos, somos feridos pelo contraste d'estes pintores tão calmos, ao lado dos nossos sentimentos tão cheios de treva, sempre agitados por inquietações e desejos. » (Schopenhauer. *Lichtstrahlen aus seinen Werken*.)

Uma grande curiosidade de Bruxellas é o *Manneken-Pis*. Não se admitem se eu tiver de abusar um pouco de redundâncias e outros truques rhetoricos, para lhes poder explicar o que é o *Manneken-Pis*, que todo o viajante pode ver, impavido, n'uma rua de Bruxellas, à luz do sol hollandeza, protegido por uma grade de ferro.

O *Manneken-Pis* é um menino de bronze, bonito e rechonchudo como um anjo de Rubens, completamente nu, como um menino Jesus, que se vê de pé, n'uma posição arrogante, a mão esquerda apoiada sobre a cintura, em cima d'uma pedra esculpida que fecha em baixo n'um queque. É uma fonte collocada no angulo d'uma rua, de encontro a um predio. O jacto d'água corre dia e noite, incessantemente, do corpo do menino de bronze, sempre claro, sempre fresco, sempre apetecível, e muita filha de Bruxellas tem ali enchedo o copo em noute calmosa d'agosto. Ora este jacto d'água crystallina, que não corre da pedra esculpida onde o menino pousa, mas sim do proprio menino — corre... [nem eu sei como hei de dizer isto às gentes graves do Sul, o que é tão natural e tão gracioso entre as gentes do Norte!] corre... corre do sitio onde nas estatuas se costuma pôr uma parra! Mas como se trata d'um innocentinho, iluminou-se a folha de vinha, e vêmo-lo impavido, arrogante, a mão esquerda na cintura, a mão direita dirigindo o jacto, com toda a graça e toda a ingenuidade d'um bebé de trez annos...

Um dia um Burgo-mestre de Bruxellas, homem circumspecto, que usava oculos azuis e em muita conta tinha os bons costumes e a moral, teve a ideia disparatada e idiota de querer suprimir a fonte — por indecente! O que fariam os católicos, se um papo ou um bispo decretasse que se collocasse uma parra em todos os meninos Jesus da diocese?... O que fizeram os moradores de Bruxellas. — Revoltaram-se em massa contra a vontade do Burgo-mestre, o homem teve de ceder, para não ver a fonte pela primeira vez manchada de sangue. O *Manneken-Pis* é considerado como um fetiche. Bruxellas, sem o seu menino de bronze perdia a metade do seu carácter historico. O *Manneken-Pis* é um resto da tradição flamenga que fez dos Paizes Baixos no seculo xvi o povo superior em artes, industrias e sciencias que occupa uma das mais belas páginas da historia universal.

Este menino de bronze é tambem um ricasso, tendo predios em Bruxellas como qualquer burguez. Ainda ultimamente, uma velha dama sen-

timentul, sem herdeiros forçados, lhe deixou em testamento perto d'um milhão de francos. O executor testamentario é o Burgo-mestre da cidade. E todos os dias de festa, os moradores de Bruxellas gozam do curioso espetáculo de ver o seu *Manneken-Pis* sardado de general, chapéu armado, casaca de velludo bordado a ouro e prata, calções de velludo, botas de polimento, luvas brancas.... Um deslumbramento!

Houve por um momento a ideia, n'estes dias de festa, no vél-o assim tão janota e tão bello, de que seria conveniente... fechar-lhe a torneira! Mais outra ideia d'um outro Burgo-mestre... Sempre a emburrarem com o anjinho, os maldicentes! Se o proprio monarca emburra alguma vez com elle — a coroa corre-lhe risco! Porque de novo o publico se oppôz, e oppôz-se inergicamente a que fosse suprimido o jacto, pelo facto do anjinho se vestir de general...

E teve de se fazer um furo no riquíssimo velludo! E ou seja de dia ou de noute, ou dia ordinario ou dia de festa — *Manneken-Pis*, do alto da sua fonte, para regalo e orgulho da bella cidade de Bruxellas, continua dirigindo, imperurbavelmente, o seu jacto... que até parece um bombeiro!...

MARIANO PINA.

Dr. LUIZ COUTY

LUXUOSAMENTE para as sciencias, infelizmente para o Brasil, e para a sua patria — a França já terminou a preciosa existencia, que é motivo d'este brevissimo esboço biographico, mais singular enumeração de factos, a representarem outras tantas victorias do talento e do trabalho, do que apreciação philosophica e exacta de uma vida tão ilustrada em seu percurso, quanto admiravelmente presençada em todas as phases rápidas e brilhantes.

E assim talvez seja melhor...

Um dos muitos notáveis e utiles estrangeiros que chegados a este paiz americano, n'ele dedicaram as melhores forças do corpo e as maus calorosas energias da alma, instaurá a simples relação do que pôde, aqui, e na Europa, fazer Luiz Couty, para de prompto dar a conhecer o seu immenso valor moral, a vastidão de espheras abrangidas pelo seu espírito, posseâo indigauda de sua intelligencia e o muito que o mundo d'ele devêra esperar, se a morte não lhe toltesse o passo.

Difícil será, com efeito, encontrar quem, nos mais variados círculos do entendimento humano e em tão curto prazo, mais tenha produzido, mais investigado, mais conseguido. Na vigorosa phrasse de um dos seus biographos, o Dr. D'Arsonval, parece que a natureza, reciosa de vêr por elle desvendados muitos dos seus segredos, deu-se pressa em aniquilá-lo!...

O Dr. Luiz Couty, nascido em Nantiat, perto da cidade de Limoges, departamento de Alto Vienne (França), a 13 de Janeiro de 1854. Filho de familia pouca abastada, mas respeitável, fuz com aplauso os seus estudos secundarios no Darat, recebendo a carta de bacharel em lettras no anno de 1871, tendo apenas dea e seis annos de idade. Um anno depois, em 1872, era bacharel em sciencias, e, após brillantissimo concurso, conseguiu o lugar de assistente interno no hospital de Limoges.

Pouco tempo lhe se demorou, pois em 1873 ell-o já em Paris, a grande capital, empenhado de corpo e alma a luta da vida. Apresentou-se candidato a um dos lugares no hospital de Val de Grâce e, chegado do fresco da província, sem conhecidos nem protecções, e, entre quatro contos concorrentes, collocado em sexto lugar! Em seguida occupa diversos lugares importantes da clinica em outros estabelecimentos e, em 1875, intenta thesa de doutor, a qual foi, a um tempo, corôada pela Faculdade de medicina de Paris, Sociedade de cirurgia e Academia de medicina.

Que radiosa esarda de carreira! Raros a terão tido igual nos annas da sciencia!...

Enthusiasta do grande Claudio Bernard, e discípulo predilecto do illustre Vulpian, cujos passos fôra seguido de perto e de cuja estima particular justamente se glorava, Couty, na posição nova que conquistara a poder de enormes sacrifícios e esforços, achou-se dentro em

breve em Juiz aberto, com um chefe seu, o director do hospital de Saint-Martin, adversário declarado da escola experimental e que, não perdendo tempo de mandar o indiano antagónistico contra as ideias e investigações do subordinado, que visadamente tomara lugar entre os mais adivosos combatentes da nova escola.

Em duas occasões, mais claramente se acentuaram os rancores; uma, negando ao jovem medico licença para ir assistir aos clínicos momentâneos e outono do velho e glorioso pão, em Nantes, concorrente e subordinado proibido; eis que o praticando soube vencer com a habitual energia e ponto em legi todas as batalhas da sua indignação; outra, buscando a todo o custo impedi-lo que se apresentasse em concurso de professor adjunto da Faculdade de medicina de Paris. Algo que, se não o suficientemente preparado para tão tremenda prova, e, em vespere da concursa, distinguiu para Bourdonnas.

Contudo recorreu; pediu a sua demissão, n'ella desistiu; protestou a, só depois de muitas passadas e reclamações, obteve justiça e dispensa d'quelle impetuosa e acentuada comissão. Desmascarado entre o publico a guerra que sofria a confidencial de seus graucentos detratores pela incontestável proficiencia que a sociedade demonstrou.

Foi classificado em primeiro lugar!

Triunfadora de certo, mas quanto ouvir deslizara contra si, quanta prevenção e inveja!

Neste tempo, em julho de 1878, o sábio e venerando Vulpian recebia do Sr. D. Pedro II, Imperador do Brasil, incumbência de escolher quem, no seu concerto, estivesse mais no caso de bem preencher a cadeira de lecion de biologia aplicada na Escola Politecnica, do Rio de Janeiro.

O abalizado mestre não podia esquecer o valente luchador, cujos rápidos progressos fôra com vivo interesse acompanhando, dirigindo e aplaudindo sempre.

Propôs o lugar a Luiz Couty. Este aceitou com reconhecimento e entusiasmo; pede, sumo vassal, a sua demissão juntamente à Faculdade de medicina de Paris; d'imo puto à aldeia natal; abusa mãe e irmãs; chega a Bordeaux; embarca n'um dos vapores transatlânticos, e parte para a America cheio de esperanças e imensos planos, como que a conquistar terras novas e necessárias para a completa expansão do seu gênio, da sua gloria.

II

Recebido com certa reserva no Rio de Janeiro, n'ltre-se Luiz Couty seis demoras ao trabalho e sobre logo assignado lugar no reio da sociedade brasileira, fazendo-se notar pela facilidade da palavra e firmeza de conhecimentos.

Com incansável actividade, dicção incisiva, formas novas e atraentes, fuz repetidas conferencias publicas sobre assumptos da sua especialidade; chama para si a atenção dos mais abalizados e illustres medicos do paiz e, salvando o círculo que parecia prendê-lo pela natureza dos estudos tão arduos, quanto exclusivos e observantes, não tarda a encarar de fronte os problemas sociais do Brasil, que pela sua complexidade e importância lhe impressionaram mais fortemente o espírito, avido de arcar com dificuldades correspondentes ás valiosas forças de ação.

Como que de propósito, ajudava essas tendências a ceder que lhe cumpria reger, pois abriu largo campo à explanação de multiplos theses, quer no scitido meramente científico, abstracto e de investigação experimental, quer no da applicação imediata ás necessidades e aspirações do organismo social.

E de facto, nada podia quadrar-lhe melhor, com elementos de que já dispunha e manejava como provisio operario, do que o estudo da vida em todos os suas manifestações e consequencias.

A um tempo, Luiz Couty esquadriinha, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, todos os segredos da conformatão da massa encefálica de muitas dezenas de animaes, desde os anthromorphos até os reptis inferiores; e, em artigos na imprensa diaria ou em brochuras e folhetos acompanhando e apreciando os factos, variaissimamente da sociedade organiada, as suas convicções morais e materiais, os seus destinos, em que quanto representa a mais illustre conquista do cerebro humano.

Maneja o bisturi do simples experimentador, e medias mas serias elucubrações de philosopho e do economista.

Só deixa o laboratorio pelo gabinete, e se dispõe a levantar os olhos de facto analytico estendendo com perspicuidade asombrosa por entre os misterios da natureza e misteriosas naturezas, e para contemplar um universo e mundo social e n'ele continuamente a desenvolver todas as suas observações biologicas, com muias ou elementos que emanam da perfeita liberdade humana.

Nas suas viagens pelas províncias do Rio Grande do

Sul e S. Paulo, ponde Luiz Couty desejidamente encarar as duas mais graves questões do Brasil — escravidão e imigração. Colhendo preciosos dados, já estatísticos, já de simples informações, não raro tanto mais verdadeiras e significativas quanto a origem era humilde, pois buscava sempre e de preferência interrogar homens do serviço e escravos, descreveu o jovem sabio a situação do país com toda a justiça e imparcialidade; feriu os pontos delicados; mostrou as exagerações quer d'aqueles que exigem progressos repentina, quer dos empestandos e temerosos; fez justiça a quem a merecia, ora dando razão ao fazendeiro, ora censurando-o; colocou-se acima das paixões de momento; sustentou sem temor nem acrimônia polêmicas; propôs soluções e sistemas de transformação, e tudo isso com uma facilidade, uma rapidez de compreensão, combinações e execução positivamente estupenda e que enchia de crescente admiração quanto mais de perto lhe acompanhavam as vidas e planos de futuro.

Entre esses, salientavam-se dois ênrgicos banalhadores, na grande arena da vida, Goffredo Taunay e Silva Telles, espíritos preparados para receberem as lições e conselhos de Luiz Couty, que por seu turno pôde aplaudir com orgulho uma notável invenção dos jovens engenheiros brasileiros, ainda hoje mal apreciada, mas que um dia será aprevidada como importantíssimo auxiliar e propulsor do trabalho livre e nacional.

Era de vibrar a união íntima, toda repassada de gozos científicos, em palestras intermináveis, d'aqueles trez amigos, três luctadores indefessos... E o chefe, cedo, bem cedo devia cair para sempre!

Allá no meio das incessantes preocupações do irrequieto espírito, na vertiginosa febre que o impulsionava cegamente para exagerados esforços intelectuais, em sua superioridade de homem que sabia quanto já valia, era o trato de Luiz Couty quanto possível ameno, cordial, meigo, a lhe angariar por toda a parte promptas simpatias e sinceras afecções.



Dr. LUIZ COUTY

Em serviço do Brasil e no desempenho de uma comissão, voltou ele uma vez à Europa e, em Paris, teve ocasião de defender o Império Americano diante das acusações, tanto mais graves e dolorosas, quanto eram feitas por pessoas dignas de todo o respeito pela lealdade das suas convicções, o senador Schreiber. O ardor, a fé, a espontaneidade, a par da proficiência, com que Couty sem de-

mora acudiu em prol do Brasil, mostraram bem que pelo coração já se sentia ligado a uma pátria nova, quasi tão extremitada quanto aquela em que nascera.

E, na verdade, nada excedia os arroboes e eloquências entusiasmantes com que, nos momentos de expansão e prognósticos de grandioso futuro, falava d'esta terra e do porvir que a esperava, uma vez desprendida das pés que lhe constrangiam o incremento e adoptadas as medidas largas e generosas que a nossa evolução social já vai acilando, embora com lentidão impaciente para quem quer marchar um tanto mais depressa.

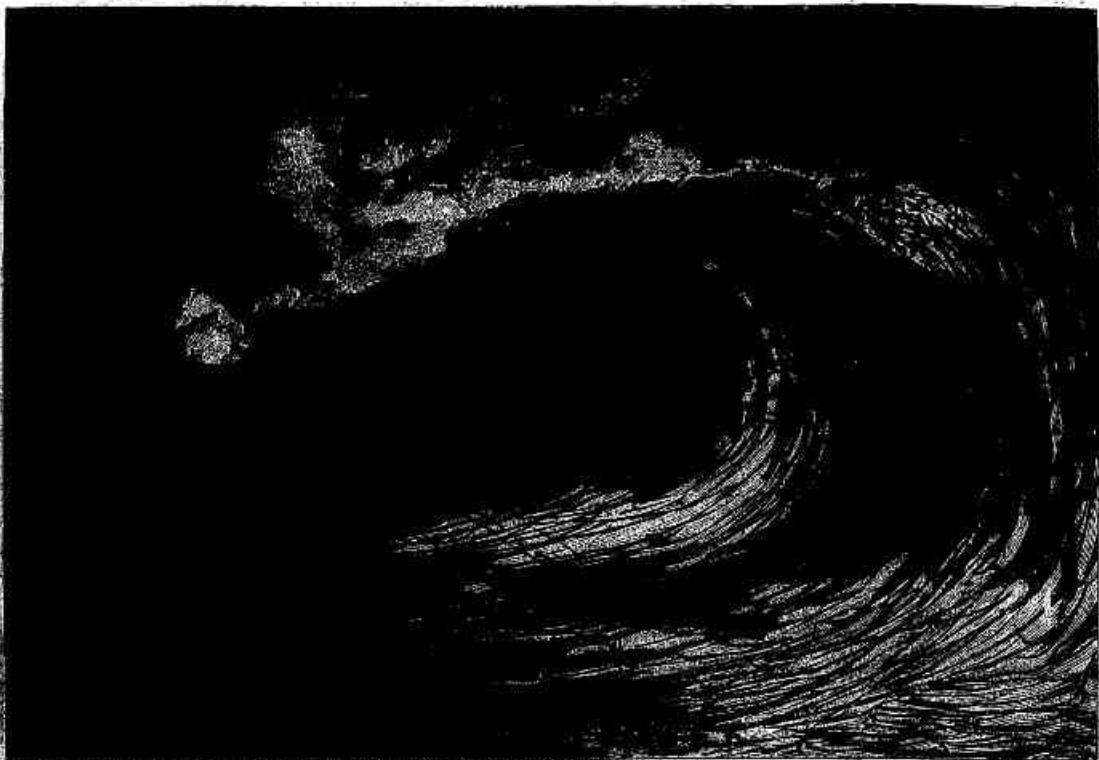
Na austentação d'equelas idéas, na propagação de princípios justos, sensatos, quasi intuitivos, muitos esforços consumiu Couty.

E que não basta proclamar verdades para fazê-las acolher dos homens. Levantam-se logo innumeras resistências; de todos os lados surgem tropelias, encuras alguns, outros absolutamente inesperados, todos porém, capazes de gastar os organismos mais valentes e mais adequados a violentos embates.

Como já dissemos, no problema vital para os destinos do Brasil — a transformação do trabalho — concentrarão-se toda a atenção; d'nhí, essa explendida série de artigos que posteriormente reuniu num volume — *Le Brésil 1884* — livro cheio de apreciações geniais, observações agudíssimas, conselhos amadurecidos, livre, impressionante quanto possível, mas de alcance legitimamente científico; e tudo num estilo limpidíssimo, incisivo e, com despreocupação absoluta da forma, o que, de certo lhe inculca mais um encanto e traz curiosas

sorpresas ao leitor, preso áquelas páginas palpitantes de vida e de interesse, escriptas dia por dia e para assim dizer sobre a perna.

Tudo isto, porém, não se prega impunemente. Luiz Couty teve dolorosa experiência; mas não era dos que com facilidade se dobram e dessanimam. De encontro a grandes obíres, centuplicadas as forças, não descam-



O MEU DESTINO. — Desenho original de Victor Hugo



VICTOR HUGO E A SUA OBRA

pava, em quanto o não destruía. Assim na organização de uma sociedade comunitária para costear o *Messenger do Brasil*, e fundar a *Revue de France et du Brésil*, que deviam dar o devido elástico à propugnação do todas as teses usadas no desenvolvimento da imigração e da gradual extinção do elemento escravo, como instrumento deficiente e ruivo do trabalho.

Em fim do julho d'aquele anno de 1884, vinha quasi plenamente realizadas as suas desejadas; mas já entro uma causa de vez em quando o inquietava: a debilidade física, quasi insuportável, o cansaço, a exigência do corpo ao repouso, a lhe empacarem o uso completo da verídica actividade intelectual que lhe não dava, comodo, tregosa.

Ena natureza que reagia contra o trabalho exagerado e inutiles avia dava no espírito alegre da caminhar, caminhar sempre para diante mais rapidamente possível.

No seu rosto expressivo, em que outrora se estampavam as vivas cores da saúde e da masculidão, já se liam os sinal de fundo alegretamento e os prenúncios de grandes devastações internas.

Mas nem por isso, julgava Couty dever tomar por conta própria algum descanso. Calculava tê-lo a bordo na viagem transatlântica que pretendia fazer para a Europa, em meados do mes de novembro, num desprêncio familiar a bônia e adorada esposa, que uniu à sua sorte em fim do anno de 1883.

Basta dizer que, afectado de uma pneumonia, quasi diariamente descia da Tijuca, onde estava nos últimos tempos residindo, para vir à tipografia do *Messenger do Brasil*, escrever artigos e corrigir provas!

Também, quando certo prosseguiu no leito, não houve scânia de médicos, não houve angustias e dedicação de esposa e amigos, que o salvaram, e ás horas e quarenta e cinco minutos da noite, de 25 de novembro de 1884, depois de breve agonía soltou o derradeiro alento.

As suas últimas palavras foram: *Allons, c'est bienfin!* profundas com a convicção e serenidade do médico que lhe sentiu fatal e irreversível e se inclina diante de mais uma vitória da morte!

E de fato, em aos últimos instantes de vida ainda procurava medicamentos para si e com os dedos hirtos e frios procurava no extinto pulso ir segurando as pragas de destruição, n'aquele organismo que tanto se agitava e tanto resistia.

E não tinha senão trinta annos e nove meses de idade!...

III

Esse em palido e deslinhado resumo, a existência de Luiz Couty.

Do mesmo modo, porém, que o nosso espírito se apanhado prompto os resultados e estragos de sangrentas batalhas ou de demorados sérios, vendo em synthetico quadro estatístico o numero de mortos e feridos ou de projectos arremessados contra a peça investida, agora passa o leitor, deixando os olhos correr pela estupenda relação de trabalhos científicos e sociais, que, além de inúmeros artigos na imprensa diária, decorrem da pena de tão extraordinário ente, assinalados todos elles com o cunho de uma inteligência excepcionalmente devotada exclusivamente à indagação da verdade e aos grandiosos problemas, que de todo o sempre tem impressionado os homens mais salientes na história da humanidade.

Publicações de Luiz Couty:

1.º — Na sociedade de biologia

1876. — Estudos experimentais sobre a enteira do ar nas veias. — A ação dos anestésicos no elemento periférico nervoso. — A ação da parada encefálica nas funções circulatórias.

Reflexos do encefálio com o sistema sympathetic. — Myalite aguda das cornéas anteriores. — Purpura hemorrágica. — Perturbações vaso-motoras e thermicas, por compressão da medula. — Papel trópico das radículas posteriores medulares. — Temperatura das partes perifericas, nas moléstias febres.

1877. — Asphyxia por lesão do sistema sympathetic. — Ação de bolhas gaseosas do sangue na circulação capilar. — Tumor do pedunculo esquerdo do cérebro. — Hemicrania mesocefálica. — A influência da excitação dos sentidos no coração e nos vasos. — Modificações cardio-vasculares, produzidas pelas excitações sensoriais e emocionais. (Estes dois trabalhos, em comunhão com o abito Charpentier, sendo o ultimo publicado pela Academia das ciências de Paris.)

1878. — Ação physiologica do matte.

1880. — Observações sobre a prensada zona motriz do

cérebro. — Excitabilidade mecanica do envolucro do cérebro. — Curarização progressiva; efeitos da excitação muscular pela ação do curare.

1881. — Perturbações motores por lesão, no cérebro do macaco e do cão. — Perturbações sensitivas e intelectuais, dependentes de lesões experimentais no cérebro de cão e do macaco. — Efeitos das lesões e excitações corticais do cérebro. — Ação de veneno das cobras.

1882. — Caracteres comuns do veneno das cobras e saípos. — Zona motriz do cérebro dos primatas.

1883. — Ação dos alcoois na excitabilidade do cérebro. — Estado do pneumograma denominado esgotamento. — Primeiro período de atrofização. — Influência do fogo prolongado (com o doutor Guimaraes). — Influência do café na nutrição (com o Dr. Guimaraes). — Ação do café na composição do sangue.

1884. — Algumas funções medulares no cão.

2.º — Na academia das ciências.

1878. — Investigações sobre a temperatura nas febres. — Investigações sobre a ação physiologica do matte.

1879. — A não excitabilidade do envolucro parado do cérebro. — A ação do veneno do Bothrops jararaca, cassú (com o Dr. Lacerda). Um curare novo, extraído da planta *strychnos triplinervia*. — A origem das propriedades tóxicas do curare dos índios. — Comparação da ação de diversos curares nos músculos lisos e cardíacos (com o Dr. Lacerda). — Caso n'um macaco liso.

1880. — Algumas das condições da excitabilidade cortical do cérebro. — Forma e sede dos movimentos produzidos pela excitação cortical do cérebro. — A dificuldade absurda e os efeitos locais do veneno do Bothrops (com o Dr. Lacerda). — As reacções da zona chamada motrix nos animais paralysados pelo curare.

1881. — A natureza inflamatória das lesões causadas pelo veneno do Bothrops. — A natureza das perturbações produzidas pelas lesões corticais do cérebro. — Mecanismo das perturbações provenientes da lesões corticais. — Ação do matte nos gases do sangue (com o Dr. d'Arsonval). — Mecanismo das perturbações motoras derivadas de excitações ou lesões das circunvoluções cerebrais.

1882. — Analogia dos efeitos das lesões centrais e corticais do cérebro. — Ação do permanganato de potássio contra os accidentes do veneno de jararaca. — Ação convulsivante do curare. — Analogia e diferenças do curare e da strichina, em relação à ação physiologica.

1883. — Origem medular das paralisias consecutivas a lesões cerebrais. — Bilateralidade dos movimentos de origem cerebral em várias espécies. — O cruzamento dos movimentos de origem cerebral. — Estudo dos nervos sensitivos na intensificação curativa. — Excitabilidade da superfície e partes fundas do cérebro.

1884. — Distribuição physiologica de duas classes de movimentos. — O mecanismo medular das paralisias de origem cerebral. — A ação do café na composição do sangue e as trocas de nutrição (com Guimaraes e Nobre).

3.º — Nos ARCHIOS DE PHYSIOLOGIA.

1876. — Estudo sobre a influência do encefálio nos músculos da vida orgânica e especialmente nos órgãos cardio-vasculares.

1877. — Pesquisas experimentais sobre os gases livres intra-arteriais. — Investigações sobre os efeitos cardio-vasculares das excitações dos sentidos.

1878. — Sóis experiências de excitação do envolucro parado do cérebro nos macacos.

1880. — Indagação sobre a temperatura peripherica e as condições de variabilidade. — Curare, sua origem, ação, natureza, emprego (com o doutor Lacerda).

1881. — As lesões do cérebro.

1883. — O cérebro motor.

1884. — Ainda o cérebro motor.

4.º — Na gazeta de medicina e cirurgia.

1876. — Purpura de origem nervosa.

1877. — Um caso de tumor que destruiu o pedunculo cerebeloso inferior. — A hemianestesia mecrocefálica.

1878. — Perturbações sensitivas de origem mecrocefálica.

5.º — Na revista científica.

1881. — A criação do gado na América do Sul. — Um alimento novo — o matte. — O consumo da carne e conservas.

1883. — O café.

1883. — O curare.

6.º — Livros, inóculos, publicações sociológicas.

These de doutoramento. — Investigações experimentais acerca da entidade do ur nas veias. (1875. — Paris. — G. Masson.)

These do concurso na Faculdade de Medicina. — Terminação dos nervos na pele. (1878. — Paris. — G. Masson.)

Relatório sobre uma primeira excursão à zona cafeeira de S. Paulo. (Rio de Janeiro. — 1879.)

Os estudos experimentais no Brasil. (Revista brasileira — 1879.)

O matte e as carnes conservadas. (Rio de Janeiro. — 1880. — 242 pag.)

Lição inaugural do curso de biologia. (Rio. — 1880. A máquina de seccar café, sistema Taunay-Telles. — 1881. — Rio.)

A escravidão no Brasil. (Paris. — 1881.)

A propaganda na Europa do café e carne seca (com os drs. Taunay e Telles). — 1882. — Rio de Janeiro.)

Biologia industrial. — O café. (Rio. — 1883. — 176 pag.)

A felicidade amazônica. — Estudo de hygiene social. (Rio. — 1883.)

O Brasil em 1884. (Rio. — 1884. — 416 pag.)

O café, sua cultura, preparo, pernutas e usos. (Rio. — 1884.)

Ao todo, sem contar os inúmeros artigos diários, 89 trabalhos científicos, muitos dos quais excitaram a admiração de homens do valor de Brown-Jacques, Vulpian, Charpentier e d'Arsonval, estes dois últimos seus amigos e companheiros, que já tomaram o honesto compromisso de publicar em volumes a parte mais importante de todo a obra de Luiz Couty.

Era aliás a grande ambição do ilustre experimentalista encerrar e concretizar todas as suas observações e pesquisas num livro sobre o cérebro e o sistema nervoso, essa chave do organismo físico, humano e consequentemente social.

Do plano geral déra já Couty idéa, a 14 de março de 1884, no seu amigo Charpentier nos seguintes termos:

«Pausa mim, está tudo pronto. Primeiro jasto = 500 páginas da minha escripta, que darão 800 de impressão. Eles o que faze. Após uma lição devulgarizada, que constitui o primeiro capítulo, entro no assumpto pelo estudo dos movimentos supostos cerebrais e nos três capítulos posteriores, mostro que elles se produzem, bem como suas as perturbações, por meio do bulbo e da medula.»

E depois de indicar a natureza das sensações conscientes e inconscientes, analyxa as funções psychicas, que estudo methodicas e progressivamente.

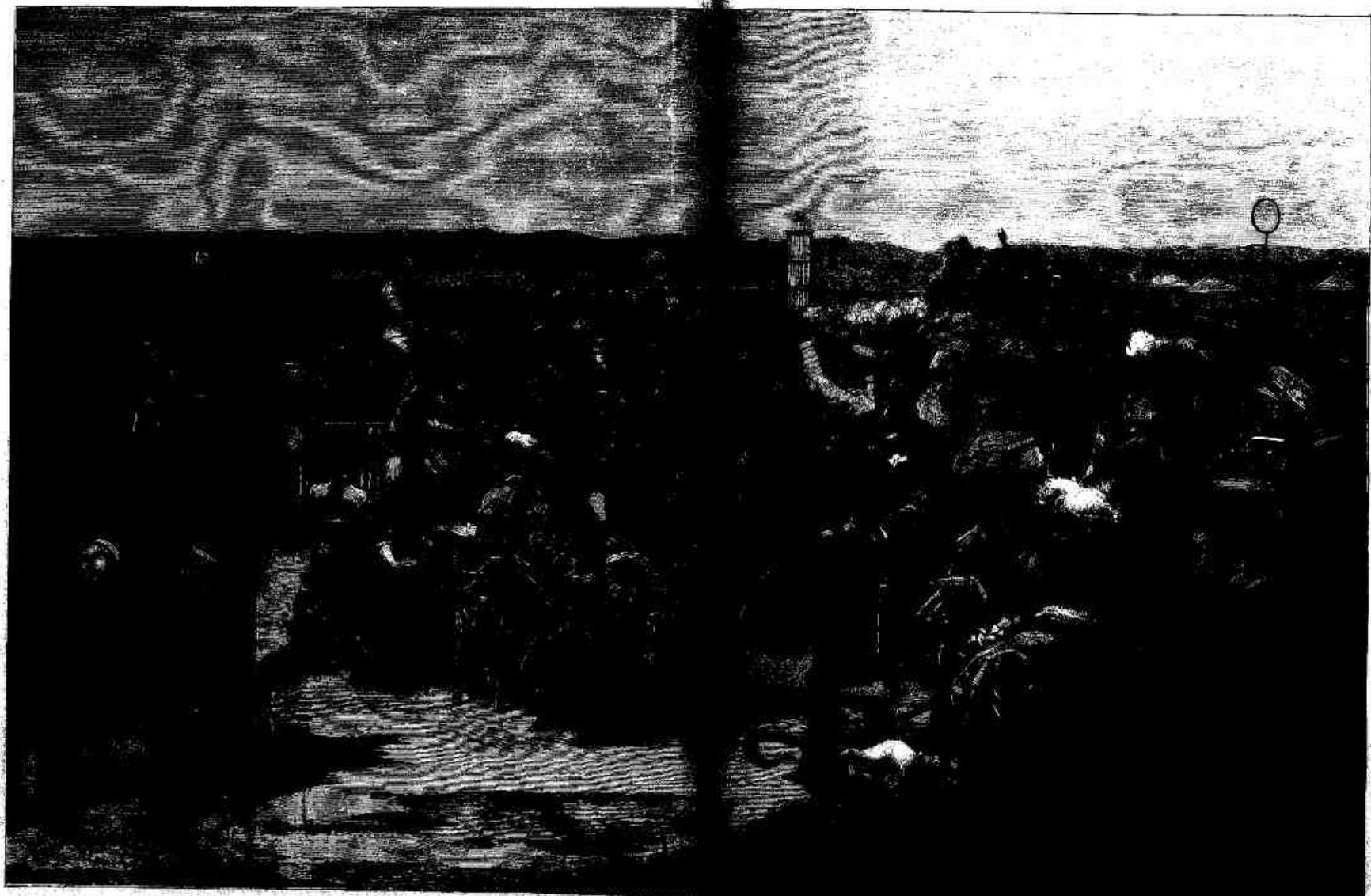
«Percepções e idéas. Síde cerebral. Formas conscientes, dependendo da associação do nesocefálio. — Natureza emocional e em seguida social da idéa e a este respeito, a linguagem. — Formação da idéa.

(A) — A hereditariidade, o instinto.

(B) — A educação pascal ou adquirida. Os factores physico-chemistry (síntese). — Os factores biológicos (nascença). — Os factores sociológicos (socorro). — Desenvolvimento cerebral. — Resultantes: a personalidade, sua constituição e pass. — Variações da personalidade; alcoholismo, hysteria, paixões. — O modo de proceder; escolha dos motivos ideativos ou sensitivos; liberdade.

(C) — Associação das personalidades: sociologia.

«O plano é vasto, dizia Couty com soberania, mas



O «GRAND-PRIX» DE PARIS
No recinto da pesagem

indispensável é compreensível; assim, para subir dos pontos de vista resumidos, horizontes mais辽ados, concepções mal definidas, emitiu a balbúrdia em que giram hoje todas essas questões.

* Tentarei mostrar, de encontro a Darwin, Spencer, Bain e tantos outros, que as leis biológicas não explicam os factos psíquicos e sociais. À seleção natural oppõe-se a individualização, o contrário da espécie, e mostrarei que a seleção sexual desaparece ante as mil formas de associação, mal se desenvolvem um tanto as funções do cerebro.

* Acima dos factos psíquico-étnicos e biológicos, admitemos terceira classe de factos, materiais — assim entendendo — os psíquicos, que coincidem com a ação associada de diversos órgãos, ou partes de órgãos nervosos, ceuráceas; e aos outros órgãos biológicos hereditários opõem-se o sistema cerebral, cujas funções dependem da educação. *

* *

Muitos planos de elucidação científica ficaram assim inconclusos, ou simplesmente esquecidos. De súbito, se embateu nas trevas da morte o olhar que investigava já longe e ia descobrindo restos de luxo, paixão e para quantos, chegados mais tarde, se atraíram ardentes às grandes conquistas da verdade.

Nada importa!

O progresso é filho pródigo da luta.

Se no assalto da temerosa cidadelha, calmo quem tomaram o primeiro degrau da escada, subiram outros; e mais tarde, os felizes, os coroados dos louros da vitória, saíram erguer um hymno de amor e gratidão àqueles que deram de barato a vida com todas as suas comodidades egoístas, e na encarregada pugna succumbiram a bem de todos e para honra da humanidade.

Nesse dia, o nome de Luiz Couto de certo não será esquecido, lamentando a ciência, no contemplar frío e seco das couças, que com elle se houvesse realizado a melancólica sentença de Pindaro.

ESCRAMONTE TAUNAY.

EXPOSIÇÃO D'ANVERS

Esperamos publicar n'um dos próximos numeros curiosas gravuras representando a exposição belga e a exposição brasileira na grande exposição universal de Anvers. O nosso director Mariano Pina foi expressamente a Anvers para este fim, onde fez uma escolha de interessantes photographias para o nosso jornal.



DURANTE O VERÃO

DURANTE o verão parece uma cidade africana. A partir do mês de julho o calor é horroso; nos dias amornos o thermometer marca 38 a 39 graus. Depois sobem até 40 a 45 graus. N'estes dias é quasi impossível sair para a rua, circular. O calor sufoca-nos, um calor pesado, parado, onde não ha a menor viragem. A propria sombra ao longo dos boulevards é insuportável, e de pouco servem os dois renques d'árvores frondosas que bordam os passeios.

É por isso que n'estes dias a physiognomia de Paris é curiosa, mercedo mesmo que a reproduzimos na gravura que aparece na nossa primeira página. É o assalto d'um vendedor de cerveja, o que representa o desenho do nosso colaborador Haenzen. O vendedor de cerveja é o sujeito que faz a sua aparição quando surge o calor, para vender aos pobres parisienses uma bebida que não é bem um nectar

de cheir Tortoni, mas que é suficientemente agradável para as bocas magras.

O cervejaria tem variantes. N'uma vendedoras é pura laranjada; n'outras para limonada; n'outras é uma mistura com afeiçou. O precioso líquido está dentro d'um barril todo envolvido de hervas e um cima grandes pedaços de gelo. Uma tabuleta indica o custo de cada bebida refrigerante. 5 centimos! E a cerveja é animada com duas bandeiras tricolores.

Apesar o vendedor de cerveja surge — e elle surge geralmente com o Grand-prix — o Paris que tem dinheiro saca da cidade, fugindo ao calor. Não se trata somente d'uma questão de luxo; a população rica vai mais cedo para o campo, pois que Paris, sendo uma terra preparada para o inverno, é insuportável quando chegam os grandes calores de julho e agosto, ficando quasi vazio a cidade, nestes dois meses.

Na nossa gravura ainda se vê representada uma fonte Wallace, pela parte de traz do vendedor de cerveja. A agua em Paris, como sabem, é desastre. Em todos as casas há filtros e em muitas casas adotam-se o sistema de apenas beber agua fervida. Ora as fontes Wallace são de agua filtrada, a unica que se pode beber nas ruas. Mas quando se tem sede o que a parisiana bebe é cerveja — e o consumo anual da cerveja em Paris é assombroso.

UM DESENHO DE VICTOR HUGO.

VICTOR Hugo desenhava, desenhava muito, e não desenhava mal. Théophile Gautier, o seu grande discípulo e o seu grande admirador, colecionava mesmo vários desenhos do Mestre, que foram reproduzidos em magnificas aguas-fortes, prefaciadas pelo prolixo artista de *Mademoiselle de Maupin*. O desenho de Victor Hugo que hoje oferecemos aos nossos leitores faz parte d'uma famosa coleção romântica, propriedade de M. Adolphe Julian, que nos cedeu amavelmente a autorização de publicar uma tão rara gravura no nosso jornal.

No seu desenho, Victor Hugo conservou o mesmo carácter phantastico dos seus dramas, e n'este que hoje publicamos — *O meu destino* — facilmente se advinha o espírito do artista que escreveu *Hernani* e *Ruy Blas*. Esta immensa onda tumultuosa, que rola sobre a areia e que esti prestes a desfazer-se, representa maravilhosamente a vida agitada, do maior poeta d'este século.

VICTOR HUGO E A SUA OBRA

SIMA magnifica composição que nós nos vimos forçados a reduzir: as simples proporções d'uma pagina do nosso jornal, a que no seu tamanho natural ocuparia nada menos de oito paginas — é a que damos sob este titulo, devida ao lápis de M. Andielli, um distinssíssimo artista. Todos quantos leram a obra de Victor Hugo facilmente reconhecerão n'esa pagina a alvejada das poderosas typas desenhadas pela pena do ilustre poeta. Entre outros não é difícil reconhecer os personagens do *Novo* e *trei*, da *Notre Dame de Paris*, Francisco I e Triboulet; e ao fundo a catedral da Notre-Dame que a obra de Hugo tornou duas vezes imortal. E no meio d'essa multidão de phantasmas, o poeta sentado na sua cadeira, exausto e fatigado, envolvido na bandeira tricolor onde se lê *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*.

A pagina que hoje publicamos é realmente impregnada d'um grande sentimento e d'uma bôa e larga inspiração, e sentimos devêr-nos a podermos dar em todo a sua grandeza, se a isso se não oponessom as exigências da nossa revista que se vê forçada a olhar para outros muitos assumtos.

O GRAND-PRIX DE PARIS

PREMIACAO do Grand-Prix de Paris. N'ele este anno celebra-se por que foi vencedor um cavalo, inglez, *Peregrine*, e por que *Peregrine* deu lugar a várias scens de pagode.

Um dia, amanece que os cavallos franceses ganham o grande prêmio de 100.000 francos da cidade de Paris, isto com geral desespero dos ingleses que tem quasi sempre sabido vitoriosos em concursos hipicos em Paris. Ha dek, anjus, que os ingleses iam para *Longchamps*, para o campo das corridas, carregados de garrafas de *Champagne* para abri-las e de bandeiras britannicas para desenrolar em sinal de vitoria...

Sómente este anno é que, elles chegou a vez. E quando *Peregrine* chegou primeiro à pista, estalaram milhares de garrafas e foram agitadas dezenas de bandeiras inglesas. Dir-se-ia que a Inglaterra tinha alcançado uma vitoria decisiva sobre a França.

Ora os franceses que são essencialmente patriotas, acharam o *Champagne*, as bandeiras e o entusiasmo em excesso exagerados e como que provocadores. E, um grupo mais exaltado, trêpui para um mail-coach, arrancou a bandeira inglesa e correu a soco, os subditos da rainha Victoria. D'aqui ressulta lucta e justa encarniça. A polícia entrevem. E só a muito custo é que os coxas tornaram ao seu estado normal de socorrer e de bom humor.

Mas nada d'isto impedia que o Grand-Prix d'este anno fosse muito concorrido e muito apreciado. Ha muito tempo que se não via tanto gente em *Longchamps*, gente de todos os países e de todas as cores. E esta concorrência foi tanto maior e tão extraordinaria que pensamos um instante que o anno passado Paris estava deserto por causa do cholera que este anno anda viajando pela Espanha.

A nossa grande gravura — No recinto da pesagem — é um quadro esplêndido, d'um elevado mérito artístico, representando o momento em que a corrida vai começar, em que os cavalos se preparam para partir. É uma pagina de brilhante observação d'este Paris alegre e ruinoso, d'este Paris dos sportmen que faz de *Longchamps* a sua esplêndida festa, onde os *ludos* rolam aos milhares, e onde se contam aos centos as notícias de banco engajadas nas apostas sobre cavalos. Esta pagina foi desenhada por Marchetti.

Este anno os dois grandes campões eram *Paradox* e *Relaisant*. O primeiro inglez, o segundo francês. O que se apostou sobre a agilidade d'estes quadrupedes é incalculável, pensamos no entusiasmo monetário de ingleses, franceses e americanos que andava engajado n'esta luta da raça cavalar. Ganhamaram-se sommas importantes e perderam-se outras não menos importantes, como, por exemplo, uma celebre actriz de Paris que perdeu, só à sua parte, cerca de 18 contos de reis.

UM BRONZE ITALIANO

Nº n.º 10 — 1.º anno da Ilustração já tivemos occasião de oferecer aos nossos leitores um outro delicioso busto em bronze de *Lorenzetti*, um escultor italiano de grande talento. Intitulava-se *Na ausência do mestre*. O que hoje publicamos é um delicioso estudo, uma esplêndida cabeçula de gato que ri com um riso atrevido e endemoninhado, ironico e incorrigivel. É o tipo do gato de Nápoles o que o artista reproduziu com tanta graça e tanta habilidade. É um tipo curioso, cujo canibalismo fará curar ainda os mais sérios e os mais graves dos nossos leitores.

Este bronze esteve exposto na exposição de Milão onde obteve uma medalha de prata, pela sciença e verie com que esti executado, e porque é a obra d'um moço artista de grande futuro.

EM FREnte DO MOINHO

DE LONGCHAMPS.

Testa gravura é por dois motivos extremamente curiosa.

É um pedaço exacto, photographico, da made do *Grand-Prix*, do lado dos peões, dos lugares a um franco. A multidão cerra-se, compõe-se ao longo das divisões, para ver passar os cavalos. À direita do observador vê-se o lugar por onde correm os cavalos que vão passar diante desta multidão de gente do povo, postada em frente do pitoresco moinho de Longchamps, quasi proximo da Grande cascata do Bosque de Boulona. E é ainda à direita, mas d'um lado que a nossa gravura já não pode alcançar, que ficam as vagas tribunas. Esta gravura dá uma perfeita ideia de concurrencia do *Grand-Prix*.

Mas é também curiosa, porque representa os enormes progressos da photogravura applicada aos trabalhos d'impressão. Trata-se d'uma photographia instantânea que foi transformada em chapa zincographica, que entra n'uma máquina d'imprimir jornais, que se tira com a nitidez que está aí vendo, e que se tira a 30,000 exemplares, servindo sempre a mesma chapa.

Esta prodigiosa reprodução traz a assinatura *Sgap*. É a marca de todos os trabalhos da Sociedade geral de applicações photographicas que tem fornecido à nossa Ilustração uma curiosa série de trabalhos da mais alta novidade, trabalhos totalmente ignorados em Portugal e Brasil, e que só a Ilustração tem divulgado entre o público.



UM BRONZE ITALIANO

A PRIMEIRA ENTREVISTA

Em pleno campo, n'uma tarde de verão, quando o corpo suado, tigado pelo trabalho pede que venha o deixem repousar. O assumpto é encantador, como todos os assumtos onde a natureza é bela, e que deixam evolar um vago perfume d'amor — o d'amor sentimental. E o público — particularmente o público feminino — olha sempre para estas páginas com verdadeiro interesse, com uma certa ternura, mesmo. São quadros que falam mais ou menos eloquientemente à alma sonhadora, à alma romântica.

Teria sido o artista sincero na disposição da sua tela? Devemos admitir que sim. Os tipos e a paisagem estão estudados com bastante sinceridade e emoção, para julgarmos o contrário. Mas não é raro ver certos artistas aproveitarem-se da nota sentimental, para entoar facilmente, não aplausos, mas compradores. Os quadros, como este, lisonjeiam a vista, são amáveis, recatados, e ficam bem n'uma sala de família n'uma saia onde as meninas recitam poesias que veem a *Juilia*!

Tradado por um artista mais amante da verdade e menos cuidadoso das cores bonitas, o quadro teria outras belezas mais rudes e mais francas. Mas em todo o caso, apesar d'um tanto idílico, não é menos gracioso nem menos bello o quadro que hoje publicamos, devido ao hábil pincel do sr. Delobbe e primorosamente gravado, como tudo quanto sai do seu buril, pelo nosso estimado e assíduo colaborador Ch. Baudé.



O GRAND-PRIX DE PARIS. — O começo das corridas em frente do moinho de Longchamps.



A PRIMEIRA ENTREVISTA. - Quadro de Dabobu.

A TRADUÇÃO DO « GERMINAL »

PUBLICAMOS, na sequida a carta que o nosso director Mariano Pina dirigiu, devidamente registrada, ao sr. Abilio Lobo, director literário da *Ilustração Universal* de Lisboa, como resposta aos grosselhos insultos que aquela folha lhe dirigiu, quando o nosso director, relatando uma entrevista que teve com Zola, tentou d'explicar o negocio da tradução do *Germinal*, entre o autor e o editor português, ar. Souza Pinto. Nós lembramos à *Ilustração Universal* a conveniencia de não continuar na sua campanha de difamação gratuita, porque nos veremos obrigados a fazer a curiosa historieta d'este jornal que só diz essencialmente portuguesa, que todos os dias iludo o público e a imprensa com os seus arca de folha, embaixamento nacional — quando não para d'uma mediocre reprodução de todas as más gravuras do *Universo Ilustrado*, o jornal ilustrado mais inferior a meios nos considerando que existe em Paris. Querem um bom ridículo exemplar? A *Ilustração Universal* recebe de Paris o seu papel em branco, como as gravuras já impressas. O texto que é impresso em Lisboa. Mas como as gravuras não são escolhidas por nenhum dos directores, o apenas por um caixete da casa Levy de Paris, o que sucede é que chegam à Lisboa gravuras cuja origem a redacção totalmente desconhece, acompanhando-as de notícias sempre erradas e sempre falsas. Ainda há tempo, a tal *Ilustração Universal* publicava uma zincografia, reprodução d'um tipo militar de *Détail*, o ilustre pintor de batalhas. Mos como a assinatura fosse (Legivel), a *Ilustração Universal* chamou à zincografia uma gravura do celebre artista *Bataille*! — Este exemplo basta, para provar que conhecemos melhor a cosinha d'aquele jornal ilustrado, que todos os seus directores.

Eis a carta do nosso director:

Ex^{ma} sr.

Ha tempos, n'uma carta dirigida a Dumas filho — carta que eu vi citada em vários jornais de Lisboa — o jornalista Barros Lobo afirmava que tinha sido comprado por 1,500 francos o direito de tradução do *Germinal*, tradução que lhe fôra confiada pelo editor Souza Pinto. Havia na cifra um engano de 1,200 francos!... O sr. Emilio Zola autorizou-me portanto a declarar em publico, que apenas tinha cedido o direito de tradução d'aquele romance ao editor lisboense, pela quantia de 300 francos. E o romancista francês ainda se me queixou de não ter ainda sido embolsado d'aquelle somma, apesar de cartas que tem escripto para Lisboa — cousa em que eu não ousei tocar, para não ferir as susceptibilidades do editor. Aqui está o que a gente ganha, quando poupa o seu inimigo! Tratei apenas de fazer uma errata à afirmação do já citado jornalista. Ora isto valeu-me sómente o seguinte: Barros Lobo, sob o pseudónimo de *Beldemonio*, declarar n'uma chronica da *Ilustração Universal*, que não fazia chiroscópicas a garotos. O insulto é tão grosseiro e tão baixo, esta sabidura é tão petulante e tão comica, que nem sequer pode dar lugar ao desfecho honroso que ha sempre em pendencias graves... Nem mesmo merece a correção d'um tribunal.

Diás depois, com grande espanto meu, deparei na *Ilustração Universal*, n.^o 22 — 2.^o anno, com uma local da redacção, tendo por título: MARIANO PINA MENTIROSO. E quatro linhas precedem uma carta do sr. Zola, onde o romancista APENAS PROPOR ao sr. Souza Pinto a venda do *Germinal*. Mas nem sequer desmentida a história dos 300 francos!

Ora tudo isto tem por fim, não só fazer accreditar ao publico que eu sou um garoto quando pretendo destruir as mentiras do sr. Barros Lobo; mas ainda um MENTIROSO, por ter dito aos meus leitores que o *Germinal* foi comprado por 300 e não por 1,500 francos!...

Que o famoso chronista me chamassem garoto, não me supreendeu, nem tão pouco me ferio. Mas ser tratado de mentiroso pela redacção literaria d'um jornal que tem por director literario um jornalista — alludo a V. Ex. — com quem tive sempre as melhores relações d'estima e de cortezia; ser tratado de mentiroso pela redacção d'um jornal que tem como responsável um jornalista que é ao mesmo tempo deputado da nação e alto funcionario publico — era cousa mais seria e mais grave. E escrevi imediatamente ao sr. Emilio Zola, pedindo-lhe que me confirmasse por escripto a conversa que em tempo tiveremos.

Forçado a partir para a Belgica, só honten tive conhecimento da seguinte carta que o illustre romancista me dirigio:

Paris, 15 juin 85.

Monsieur,

Je vous confirme par écrit ce que je vous ai dit de vive voix.
La traduction portugaise de *Germinal* m'a été achetée trois cents francs par M. Souza Pinto, éditeur à Lisbonne; et cette somme de trois cents francs ne m'a pas encore été payée.

Agreez, monsieur, l'assurance de mes sentiments distingués.

EMILE ZOLA.

Ora isto traduzido litterslmente, quer dizer apenas o seguinte: « A tradução portuguesa do *Germinal* foi-me comprada por 300 francos pelo sr. Souza Pinto, editor de Lisboa; e esta somma de trezentos francos AINDA ME NÃO FOI PAGA. »

E isto traduzido llvamente, quer dizer apenas o seguinte:

— Que o sr. Barros Lobo é o jornalista mais insolente e mais mentiroso que Lisboa posse.

— Que é uma asneira ter contemplações com quem só pensa em nos crucificar. No começo do meu jornal, não houve insultos que o sr. Souza Pinto não atirasse à minha *Ilustração*. E eu fui tão ido que lhe poupei o desgosto d'uma revelação desagradável, quando o sr. Zola me falou, logo de começo das dificuldades que elle tem para haver os 300 francos.

— Que a *Ilustração Universal* não passa d'um buraco, donde é insultado gratuitamente o jornalista que, como eu, nunca ousou afirmar uma cousa, que a não possa provar cabalmente.

Creia V. Ex. que é com infinito desgosto que o vejo director literario de semelhante jornal. Fago-lhe, porém, a justiça de

que o insulto não partio da sua pena. Mas o que lhe peço, porque sei que V. Ex. é um jornalista digno, e em nome de todas as boas e honestas tradições da imprensa portuguesa, é que dê publicidade na *Ilustração Universal* à carta que me foi dirigida pelo sr. Emilio Zola, que acima transcrevi, e cujo fac-simile eu vou imprimir na minha *Ilustração*, para que não haja duvidas acerca da sua authenticidade. Barros Lobo seria ainda capaz de a desmentir, se é que elle não pensa desmentir o proprio auctor. E capaz de tudo, em literatura, o maldito!

Estou certo de que V. Ex. como todos quantos se prezam de honrar e fazer respeitar uma pena, se não esquivará a semelhante publicação — que, aliás, é de direito devido a quem foi atacado d'aquele modo.

Quanto ao sr. Barros Lobo, sinto-me realmente feliz por ter tido occasião de mostrar gratis a « adultos, militares e creanças, » um exemplar de verdade pedante e um insolente sem confissão — que a polícia deveria desterrar de Lisboa, para accio da cidade. Para desenvolver epidemias — já basta o Aterro. Ora Aterro e Lobo é demais, n'estes tempos de cholera que vão correndo!...

De V. Ex.
com toda a consideração,
MARIANO PINA.

A TRADUÇÃO DO « GERMINAL »

Eis a carta que o illustre romancista dirigio ao nosso director Mariano Pina. Como podem ver os nossos leitores, d'esta questão saiba perfeitamente illusa a dignidade do nosso director. Tampouco a questão era da maior simplicidade. O sr. Barros Lobo afirmou que o direito da tradução que elle está fazendo do *Germinal* fôra comprado por 1,500 francos. O sr. Zola autorizou o sr. Mariano Pina a declarar que apenas se tratava d'uma somma de 300 francos. Que necessidade tinham, traductor e editor, vir insultar grosseiramente quem apenas tinha sido autorizado a dizer verdade? Não lhes infungimos o fructo de semelhante campanha de difamação. A carta do sr. Zola não pode ser mais esmagadora... Só se trata de 300 francos, e 300 francos que não foram pagos, não obstante a *Ilustração Universal* já andar a fazer dinheiro com o *Germinal*, impresso nas suas columnas!...

Paris, 15 juin 85

Monsieur,

Je vous confirme par écrit ce que je vous ai dit de vive voix.

La traduction portugaise de *Germinal* m'a été achetée trois cents francs par M. Souza Pinto, éditeur à Lisbonne; et cette somme de trois cents francs ne m'a pas encore été payée.

Agreez, monsieur, l'assurance de mes sentiments distingués.

EMILE ZOLA.

Agreez, monsieur, l'assurance de mes sentiments distingués.

Emile Zola

HOTEL LUZO-BRASILEIRO PARIS

30, Rue Montoléon, 30

LAPIERRE

Tem a honra de participar no publico que trouxe novamente a direção d'este estabelecimento muito frequentado em Paris pela colónia portuguesa e brasileira.

EXPOSITION UNIV. 1878
Médaille d'Or Croix du Chevalier
LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

AGUA DIVINA E. COUDRAY

DITA AGUA DE SAUDE

Preparada para o banho, como contramedida instantânea contra a cincialide, e para curar as dores de estômaco e de dor.

ARTIGOS RECOMENDADOS PERFUMARIA de LACTEINA

Recomendados pelas farmácias e lojas.

ROTAS CONCENTRADAS para o lenço.

OLEOCOME para a limpeza das calendas.

ESTES ARTIGOS ACHEM-SE NA FARMÁCIA

PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS

Depósito em 100 das Farmácias, Pharmacias e Calendarias da América.

NOVAS SORVETEIRAS TOSSELLI

Único aparelho de Família

Recomendado pelo Juri

da Exposição Universal de 1878.

Para gelar os leites e produzir o sorvete empregando misturas infusórias. Esta máquina é uma simplicidade sem igual, em que as infusórias resultadas com uma dinâmica, um saboroso e uma aromática saborosa. — 106, Rue Laffayette, J. BUSTIN 1^o, 5, Boulevard de la Chapelle, PARIS

MEDALHA & DIPLOMA de HONRA

OLEO DE FIGADO DE BACALHAU
e TIRAMINOSO
de CHEVRIER. Paris

Concursado no Salão de Paris
e obtendo o 1^o Prêmio de 1000 francos.

O OLEO de CHEVRIER
é desidratado para a conservação, ricos e saborosos, e que muito engrandece as qualidades de sabor.

O OLEO de FIGADO de BACALHAU
é o único preparado com óleo extraído e feito para o uso de todos os restaurantes.

Depósito geral em PARIS: Rue de l'Orfèvre, Montmartre, 21

ALOPEI Pilulas Rébillon

Com: QUININA DE TEA e QUININA

Efectua cura na Chlorose, Flores brancas, Supressão e desordens da menstruação, Doenças do peito, Dores de estômago, Gastralgia, Rins, Cistite, Eczema, Febre sifilítica, Doenças nervosas.

Na maior remedio que se deve empregar em relação a qualquer doença sanguínea.

Ver o folheto que acompanha cada frasco

Vende por ATACADO em PARIS

CH. VIMARD & PETIT, 4, rue de l'Orfèvre Royal

Depósito em Rio Janeiro, 222 Praça das Flores, em todas as Farmácias e Drogerias.

CALLIFLORE

Fábrica de Bellasas

pós ADERENTES & INVIRVENS

Grande se novo modo júnco se empregam, entre nos cosméticos da rosto uma maravilhosa e delicada bellasas e deixam no perfume de magnífica suavidade. Além dos brancos de notável pureza, se encontra de quatro matizes diferentes. Rosado, e rosa, dourado e mais pálido até o mais suave. Pode-se usar esta passa desodorizante a 100 que malha lhe envolveu as roupas.

PATE AGNEL

AMYGDALINA & GLYCERINA

Este excellento Cosmético brinqueta e amacia a pele, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respeita às mãos, dão solidez e transparencia às unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, em PARIS

FÁBRICA & EXPEDIÇÃO: 18, AVENUE DE L'OPERA

E nas suas Sete Casas de vendas por milhoz milhares de Paris.

OPPRESSOES ASTHMA NEVRALGIAS

TORSE, CATERINA, CONSTIPACAO

Aspirando o fumo, peneira no Pósto, calma o sistema ner-

voso, facilita a expiração e favorece as funções dos ór-

gos respiratórios. (Zarope de camphora: 1 J. ESPIC.)

Venda por maior 100, rue Brigitte-Lassere, PARIS.

E nas principais Farmácias do Portugal: 2 fr. a caixa.

Academia de Medicina de Paris

REZZA

Áqua Mineral Acido-Ferrugí-

osa. — Esta Áqua não tem

rival no Tratamento das

Gastralgias, Chloroses,

Febres, Anemia, e de todas as doenças

provenientes do EMPRENDIMENTO DE SANGUE.



Zarope-Zed

(De CODEINA e TOLU)

O Zarope Zed emprega-se contra as Irritações do Peito, Tasse das Tisicas, Tisse curvado (Coughhache), Bronchites, Constipação, Calas e hirs e Inflammationes

PARIS, rue Drouot, 22, e em Farmácias.



HYGIENE DAS CRIANÇAS

POR BRAUN RODRIGUES

UM POLVOSITO..... 100 GRAMAS FORTES
A venda na Empressa Novas Românticas, rua da Alvalade, 42, Lisboa, e nas principais Farmácias

MOLESTIAS do ESTOMAGO

DIGESTOES DIFFICEIS

AXIAS - TOMITOS - PERDO & APPETITE

DURA CIRCUITO & RAPIDO CÓD. 6

ELIXIR GREZ

Alcoólico - Parísico

TÓNICO - DIGESTIVO

Composto de Quina, Coiro e Peppino

MEDALHA DOS HOSPITAIS

Recollido por todos Mestros

1^o GREZ, 34, rue la Brayre, PARIS

EM TODAS as Farmácias



ALIMENTO PARA AS CRIANÇAS

Alimento das senhoras e das pessoas jovens.

PARA fortificar as Crianças e as pessoas fracas do peito, do estômago,

ou que sofrem de Caloreza ou de Anemia, o melhor e o mais agradável alimento é

o HACABOUT das ARABES, alimento nutritivo e reconfortante

de ELLANGENHEIR, de Paris. — Disponível em todas as Farmácias do Brasil.

MACHINAS para Telhas e Tijolos

Maquinaria de Paris. — Presente na Exposição Universal de 1878

BOULET, LACROIX & C°

Construtores-Maquinistas

22, rue Eiffel-Saint-Martin, 28, PARIS

Disponível o CATALOGO ILUSTRADO e que pode ser carta registrada.



Tratamento curativo da PHLEBITE PULMONAR e as AFECÇOES circulatórias das VIAS RESPIRATORIAS

Waxo Crisotato

Oleos Grossotato

CAPSULAS MOLLES

de BOURGEAUD

CREOSOTE VERDADEIRO

(do antrax do bala) ou OLEO do FIGADO de BACALHAU FUBO

PROD. por BOURGEAUD, FABRICANTE das CAPSULAS MOLLES de PARIS

1.000 GRAMAS (Waxo e bala) unhas expandidas e empregadas nos Hospitalares de Paris para tratar as

doenças das vias respiratórias, das bronquias, das artérias, etc. — Geralmente as unhas verificadas pela colostomia. Meticulosamente limpos e secos.

Como dentre elas se usam as telhas e serradas se aderem o rusto farto (mucos) as membranas

e a respiro farto (BACALHAU). — Fármaco das membranas das artérias.

(Língua e Projecção). — Projecção das telhas e serradas.

DISPONIBIL. nas principais Farmácias

1000 GRAMAS

AS MUSICAIS DA «ILLUSTRAÇÃO»

CHANSON HONGROISE

RECOLHIDA E PUBLICADA POR ETIENNE BARTALUS

Lento.

PIANO.

ter.